

Gesto de amor

CMP 2.14 379

A dor pela perda do filho foi tão grande que o pai plantou esta figueira

Um dia um homem perdeu um filho. Há muitos que perdem e outros que nem ligam quando isso acontece. Classificam como fatalidade, única certeza, e viram a página da existência para nunca mais retroceder a qualquer lembrança. Mas este homem não. Ele resolveu lembrar seu filho em forma de árvore, que poderia avistar todos os dias, até o final de sua vida. Por isso plantou, em 1946, uma figueira frondosa quase em frente à sua casa (na Maria Monteiro, 321), então cercada por duas quaresmeiras (que já não existem mais; não resistiram ao tempo).

O nome do pai: João Vedovello. Ele era responsável pela instalação do Banco Moreira Salles no Estado de São Paulo e depois foi gerente da mesma instituição em Campinas. Mas esse não foi o único cargo: também era mesário e tesoureiro da Santa Casa de Misericórdia, lugar que tem tudo a ver com essa história. Foi do antigo pomar do

Uma árvore para avistar todos os dias, até o final da vida hospital (onde hoje está localizada a prefeitura de Campinas) que ele retirou as mudas que cresceriam no Cambuí.

A exemplo de hoje

(onde muitas pessoas ainda reclamam do despencar de folhas e frutos, a despeito da beleza e de existir dois responsáveis pela manutenção do espécime), João Vedovello enfrentou resistência pelo mesmo motivo (e por alguns morcegos adicionais que vinham se alimentar na árvore). Mas toda bronca era infinitamente menor à dor de perder o seu filho Dirceu. A figueira que plantara haveria de resistir (e resistiu).

Hoje nenhum dos dois habita mais as paragens do Cambuí, que naqueles anos 40 ainda era cercado por fazendas, com bois mugindo e tocando seus sinos. Mas de alguma forma, o senhor João Vedovello fez mais que perpetuar a memória de um filho. Mostrou aos homens desse tempo que muitas coisas podem transcender a existência humana. Que uma árvore pode ser mais que sombra, mais que uma semente levada pelo vento ou trazida por pássaros a germinar em lugares aleatórios. Uma árvore pode conter um sonho e também guardar um imenso amor.

Talvez seja por isso que esta figueira emocione tanto nesta época do ano. Seus troncos, feito braços salpicados de estrelas, reproduzem um pedacinho do firmamento, como uma centelha de luz a fazer diferença na Terra.

JOSIANE GIACOMINI ALVES
josiane@rac.com.br

BO-922/03
97/10/03

Fonte: O senhor Décio Bueno, 75 anos, que morou na Conceição, 1015, Cambuí, contou para a Gazeta do Cambuí a real história da existência da figueira.

ESCRITA OFICIAL
DE POLÍCIA DO
JO DP - CAMPINAS

5
5
5
5
5

O Trabalho eu garanti...mas com o Luizinho...nada mais vamos declarar...toda vez que surge o assunto do

Gustavo Magnusson



A homenagem de João a Dirceu virou símbolo de Natal: afeto